



"Estamos a empurrar o pico para cima. As pessoas continuam a ter demasiados contactos entre si"

MARTA F. REIS 21/10/2020 08:53

Portugal deverá enfrentar esta semana o maior número de casos de covid-19 desde o início da epidemia e passar o máximo de internamentos de abril. Manuel Carmo Gomes ajuda a perceber o momento atual e defende a estratégia de mapas de risco para aplicar medidas de forma imediata nos concelhos com maior transmissão.

O epidemiologista Manuel Carmo Gomes, investigador da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e um dos peritos que tem participado no acompanhamento técnico da epidemia no país, assume preocupação com a trajetória de aumento de casos no país e explica que uma das principais dificuldades é não se conseguir perceber a esta altura quando será o pico e quantos doentes vão precisar de resposta dos serviços de saúde. Defende que a estratégia de haver mapas de risco por concelho e medidas uniformes para aplicar de imediato nas zonas mais afetadas é a melhor que conhece neste momento para controlar a escalada de infeções que pode chegar aos 4 mil casos diários em novembro e discorda da ideia de que possa ser estigmatizante. “Fico preocupado porque não estou seguro de qual é a alternativa”, diz.



Perante a evolução dos internamentos, é previsível que o país passe o máximo de abril nos próximos dias. Com base na trajetória atual, é possível estimar quantos doentes com covid-19 vão precisar de resposta hospitalar nas próximas semanas?

Neste momento não. Para prever quantas pessoas vão precisar de cuidados hospitalares, temos de conseguir prever quantos casos vamos ter no máximo e, para isso, ser possível temos de ver o RT estabilizar. O que temos visto é que o RT tem estado a subir devagarinho, especialmente na região Norte. Não tem de ficar 1, mas tem de estabilizar. No fundo o que temos todos os dias é o pico a ir um bocadinho mais para cima, para valores mais altos. Há duas semanas estimávamos que teríamos uns 3000 casos reais (pessoas a serem infetadas diariamente) no final de outubro, mas agora estamos a projetar mais de 3500.

Como é que empurrámos o pico para cima?

A resposta simples é: as pessoas continuam a ter demasiados contactos entre si. O RT depende do número médio de contactos de cada um quando está infetado, o que pode não saber à partida. À medida que o RT sobe, quer dizer que continuamos a intensificar a transmissão. Mesmo que a diferença seja de casas decimais, faz uma grande diferença quando temos estes números. Quer dizer que não conseguimos travar o contágio entre as pessoas e as cadeias de transmissão prolongam-se.

É possível ser mais eficaz a travar as cadeias de transmissão?

A partir de certa altura isso torna-se mais difícil, porque quando há muitos casos em circulação a saúde pública deixa de conseguir dar conta do recado. Se num determinado dia tenho mil novos casos, implica mil novos inquiridos e ir atrás dos contactos. É evidente que os médicos de saúde pública, a certa altura, deixam de conseguir acompanhar e sabemos que não estão a conseguir acompanhar há pelo menos duas semanas. Ou seja, há muitos casos que estão a ocorrer todos os dias e que não nos aparecem porque não os conseguimos apanhar. Se estas pessoas adoecerem e forem parar ao hospital, hão de aparecer, mas neste momento há mais pessoas infetadas que estão assintomáticas ou têm sintomas ligeiros e que não apanhamos e continuam a transmissão.